

SUBSTITUIÇÃO DE MEDICAMENTOS DE MARCA POR GENÉRICOS EM CUIDADOS DE SAÚDE PRIMÁRIOS

Disponível em: <http://db.doyma.es/cgi-bin/wdbcgi.exe/doyma/mrevista.fulltext?pident=13081998>
Sagardui-Villamor JK et al. Sustitución de medicamentos de marca por genéricos en atención primaria. Factores asociados al rechazo. Aten Primaria 2005; 36: 489 - 493

A prescrição de genéricos em Espanha corresponde actualmente a cerca de 6% das prescrições efectuadas pelos médicos espanhóis. Em Portugal, no ano de 2004, os medicamentos genéricos representaram 7,9% do mercado total.

Os autores efectuaram um estudo observacional, transversal, em Centros de Cuidados de Saúde Primários, públicos, em Espanha, com o objectivo de determinar quantos pacientes recusam a troca de um medicamento de marca pelo genérico após um breve aconselhamento pelo seu Médico de Família e estudar as características do paciente e do tratamento associadas com esta recusa.

Foi proposta a participação no estudo a 360 médicos, escolhidos de forma não aleatória, que deveriam seleccionar os primeiros cinco pacientes susceptíveis de trocar a medicação. Recusaram participar no estudo um total de 110 médicos e 48 forneceram dados incompletos ou ilegíveis. Deste modo, foram incluídos no estudo 202 médicos e 1.007 pacientes. As variáveis estudadas incluíram características do médico (idade, sexo, situação laboral, tempo de trabalho em cuidados primários e antiguidade no seu posto), do paciente (idade, sexo, nível de estudos, regime de segurança social, ter ou não conhecimento prévio do que é um medicamento genérico e tomar ou não algum genérico) e do tratamento (tempo de uso do fármaco e

prescritor inicial). Foi calculada a percentagem de recusa e, através da análise estatística bivariada e regressão logística, os factores associados a essa recusa.

A percentagem de recusa da troca do medicamento de marca pelo genérico encontrada foi de 13% (IC a 95%, 11-15). Os factores associados com a recusa da troca são: idade avançada do paciente, baixo nível de estudos, ser pensionista, não saber o que é um genérico, nunca ter tomado previamente um genérico e a prescrição ter sido iniciada por um especialista hospitalar ou nas urgências. As duas variáveis associadas de forma independente com a recusa foram o desconhecimento por parte do paciente do que é um genérico (OR= 4,0; IC a 95% 2,6-6,4), e que o médico prescritor inicial não tinha sido o médico de família (OR= 3,7; IC a 95% 2,3-5,8).

A percentagem de pacientes que recusam a troca de um medicamento de marca por um genérico é muito baixa. Quando o médico de família é partidário do uso de genéricos e propõe a substituição de um medicamento de marca, são muito poucos os pacientes que não o aceitam.

A principal limitação do estudo reside no facto da amostra de médicos não ter sido seleccionada de forma aleatória, o que poderá ter provocado algum viés de selecção, com médicos mais a favor da utilização de genéricos do que o habitual, o que poderá ter levado a uma percentagem de recusa infra-estimada.

Na conclusão do estudo os autores defendem que para facilitar a substituição por genéricos é necessário insistir nas medidas de educação do paciente e potenciar a sua utilização nos cuidados hospitalares.

Benedita Graça Moura
CS Senhora da Hora